

O MÉTODO EM MARX E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: DETERMINAÇÕES ONTO-HISTÓRICAS DA REALIDADE

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor

Nome: Ellen Cristine dos Santos Ribeiro

E-mail:

ellencristine.santos@educacao.fortaleza.ce.gov.br

Instituição: Secretaria Municipal de Fortaleza, Brasil

Submetido: 03/05/2022

Aprovado: 22/06/2022

Publicado: 12/12/2023

 10.20396/rho.v23i00.8669151

e-Location: e023042

ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023):

RIBEIRO, E. C. dos S.; SOBRAL, K.; M.; MORAES, B. M. de. O método em Marx e a pesquisa em educação: determinações onto-históricas da realidade. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, p. 1-15, 2023. DOI: 10.20396/rho.v23i00.8669151.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8669151>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



  **Ellen Cristine dos Santos Ribeiro***
Secretaria Municipal de Fortaleza

  **Karine Martins Sobral****
Universidade Federal do Maranhão

  **Betânea Moreira de Moraes*****
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO

O ensaio aborda o método em Marx como uma ontologia do ser social, ou seja, a partir de uma nova ontologia, para além dos moldes hegelianos, fixada na compreensão de que a existência da realidade independe do que pensamos sobre ela e que o reflexo dessa realidade, embora não se constitua como um espelho, busca apreender o real por meio de sucessivas aproximações. O estudo¹ objetivou analisar os rebatimentos do método marxiano e suas contribuições para a pesquisa educacional. Problematizou-se a escassez de trabalhos que versam sobre a pesquisa em educação a partir do suporte oferecido pelo materialismo histórico-dialético, cuja premissa científica de inteligibilidade da realidade concreta faculta o desenrolar de pistas fornecidas pelo movimento próprio do objeto. Para tanto, recorreu-se à pesquisa teórico-bibliográfica, baseada em autores clássicos e contemporâneos do referencial marxista. Enfatiza-se, por fim, a necessidade de que os processos de produção do conhecimento estejam atrelados à possibilidade de transformação social, uma vez que a premissa metodológica marxiana suscita uma percepção concreta das determinações sociais próprias da sociabilidade burguesa e a consequente superação de suas formas de exploração.

PALAVRAS-CHAVE: Método. Materialismo histórico-dialético. Pesquisa em educação.

THE METHOD IN MARX AND RESEARCH IN EDUCATION: ONTO-HISTORY DETERMINATIONS OF REALITY

Abstract

The essay approaches the method in Marx as an ontology of the social being, that is, as a theory of knowledge that understands that the existence of reality is independent of what we think about it and its reflection, although it is not constituted as a mirror, seeks to apprehend the real through successive approximations. The study aimed to analyse the repercussions of the Marxian method and its contributions to educational research. The scarcity of works that approach research in education based on the support offered by historical-dialectical materialism was questioned, whose scientific premise of intelligibility of concrete reality allows the development of clues provided by the object's own movement. For this purpose, theoretical-bibliographic research was used, based on classic and contemporary authors of the Marxist framework. Finally, the need for knowledge production processes to be linked to the possibility of social transformation is emphasized, since the Marxian methodological premise raises a concrete perception of the social determinations of bourgeois sociability and the consequent overcoming of its forms of exploration.

Keywords: Method. Historical-dialectical materialism. Research in education.

EL MÉTODO EN MARX Y LA INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN: DETERMINACIONES ONTOHISTORIALES DE LA REALIDAD

Resumen

El ensayo aborda el método en Marx como una ontología del ser social, es decir, como una teoría del conocimiento que entiende que la existencia de la realidad es independiente de lo que pensemos sobre ella y que el reflejo de esta realidad, aunque no se constituya como un espejo, busca aprehender lo real a través de aproximaciones sucesivas. El estudio tuvo como objetivo analizar las repercusiones del método marxiano y sus aportes para la investigación educativa. Se cuestionó la escasez de trabajos que aborden la investigación en educación a partir del apoyo que ofrece el materialismo histórico-dialéctico, cuya premisa científica de inteligibilidad de la realidad concreta permite el desarrollo de pistas proporcionadas por el propio movimiento del objeto. Para ello, se utilizó la investigación teórico-bibliográfica, sustentada en autores clásicos y contemporáneos del marco marxista. Finalmente, se enfatiza la necesidad de que los procesos de producción de conocimiento estén vinculados a la posibilidad de transformación social, ya que la premisa metodológica marxista plantea una percepción concreta de las determinaciones sociales de la sociabilidad burguesa y la consecuente superación de sus formas de exploración.

Palabras clave: Método. Materialismo histórico-dialéctico. Investigación en educación.

INTRODUÇÃO

A questão do método constitui um problema central, por vezes polêmico, na ciência. Na teoria social, não é diferente, sobretudo quando há esforços investigativos atrelados aos interesses da classe trabalhadora. Em diálogo com Feuerbach, Marx e Engels (2007, p. 535) afirmam que “[...] os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”. Fornecem, assim, um sentido prático para o trabalho intelectual, a partir de uma filosofia materialista alinhada à práxis transformadora, na contramão das concepções predominantes de sua época. A teoria social marxiana não pode ser encarada como um aglomerado de procedimentos que, se aplicados corretamente, produzem determinados resultados ou conhecimentos acadêmicos. Tampouco pode ser forjada como um receituário de práticas científicas, teóricas e intelectuais a conduzir seus pesquisadores. O que Lukács (1979) vai denominar como radicalmente ontológico e condição essencial para a apreensão do método deixado por Marx é exatamente a ruptura com a mera aplicação de métodos e teorias em uma dada realidade, assim como o questionamento da ruptura entre teoria e prática, em suas várias manifestações.

Embora a dialética tenha atravessado o pensamento humano muito antes de Marx, ele a resgata como um esforço de superação da dicotomia que insiste em separar sujeito e objeto de forma mecânica, ora caindo no subjetivismo, ora no materialismo mecanicista. A dialética proposta por Marx, alicerce do método que fundamenta sua teoria, emerge como instrumento de interpretação da realidade concreta que é contraditória e histórica, em especial a aqui destacada: a realidade educacional. Pires (1997) indica que esse axioma, em específico, demanda a necessidade de conhecer as variáveis que envolvem a prática educativa, o maior número possível, para compreendê-la de forma completa, integral. Todavia, não há como realizar essa tarefa sem um método, via de acesso que acomoda bases filosóficas e científicas para interpretar e transformar a educação. Reafirma-se, pois, a necessidade de discutir os paradigmas de interpretação da realidade e suas contribuições nos processos educacionais, tendo em vista a exigência de localizar a centralidade da relação sujeito-objeto.

DA APROPRIAÇÃO DO FENÔMENO À CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO CONHECIMENTO: UNIDADE DIALÉTICA

Marx (1983) ensina-nos que o ser social se fez humano por meio do trabalho. O trabalho, como práxis produtiva, tem prioridade ontológica em relação às demais formas de práxis humana; é o intercâmbio com a natureza, uma adaptação ativa que torna necessário o surgimento dos demais complexos, mesmo aqueles que surgem concomitantemente ao trabalho, como linguagem, divisão do trabalho, cooperação, linguagem.

O entendimento de que nos tornamos humanos através do trabalho é salutar para compreendermos que a generidade humana não é mais muda, ou seja, quando o ser social

salta da esfera orgânica (generidade muda) para a esfera do ser social, nasce uma especificidade na forma como nos reproduzimos, qual seja: nossa existência passa a ser ativa, põs-se um médium que é a consciência, caracterizando-se assim o surgimento do sujeito que se separa de seu objeto. Logo, a relação entre sujeito e objeto configura-se como uma consequência desse salto ontológico que originou a espécie *homo sapiens e sapiens*. A partir daí, a forma de nos reproduzirmos continua tendo uma base biológica, porém regida, subjugada a uma sociabilidade (Lukács, 1979).

A práxis, considerada uma ação humana que envolve teleologia (planejamento) e causalidade (objetivação da ideia), é uma questão central no marxismo, necessária ao entendimento de que somos sujeitos de nossa própria história e que a nossa generidade é construída em uma dialética entre o social e o individual. Tal compreensão leva-nos à conclusão de que transformar a sociedade coletivamente é possível.

Lênin (1983), ao escrever a obra *Materialismo e Empiriocriticismo*, já alertava sobre a subordinação, operada pelo idealismo, da questão ontológica à questão gnosiológica. Na atualidade, Tonet (2013b) empenhou-se em distinguir, de forma sistemática, as abordagens gnosiológica e ontológica. Ainda que não seja o foco de nossa discussão, é oportuno apontar, brevemente, tal diferenciação. A gnosiologia estuda a problemática do conhecimento, tendo, portanto, o conhecimento como objeto de estudo. Parte do pressuposto de que a realidade passa a existir quando a conhecemos. A ontologia, por sua vez, compreende o estudo do ser e, por conseguinte, procura apreender as determinações mais gerais daquilo que existe. Parte do pressuposto de que a realidade existe independentemente de nossa vontade ou conhecimento sobre ela.

A problemática do conhecimento é resumida por Tonet (2013b), em termos essenciais, pelo nexos entre sujeito e objeto, em que um ou outro é priorizado, dependendo da abordagem. O ponto de vista gnosiológico

[...] é, pois, a abordagem de qualquer objeto a ser conhecido que tem como eixo o sujeito. Lembrando a chamada “revolução copernicana” levada a cabo por Kant, podemos dizer que, neste ponto de vista, é o sujeito o elemento central. Em vez de o sujeito girar ao redor do objeto, como no caso da concepção greco-medieval, aqui é o objeto que gira ao redor do sujeito. Enfatiza-se, neste caso, não só o caráter ativo do sujeito no processo de conhecimento, mas, especialmente, o fato de que é ele que constrói (teoricamente) o objeto. O sujeito é o polo regente do processo de conhecimento. É ele que colhe os dados, classifica, ordena, organiza, estabelece as relações entre eles e, desse modo, diz o que o objeto é (Tonet, 2013b, p. 13).

Na abordagem gnosiológica, há a exigência de que o sujeito saiba, antecipadamente, o que deve fazer. A abordagem ontológica, por sua vez, guia-se pela centralidade do objeto, cujo movimento determina os rumos da pesquisa, conforme fica explicitado a seguir:

Ponto de vista ontológico é, por sua vez, a abordagem de qualquer objeto tendo como eixo o próprio objeto. Lembrando, porém, que ontologia é apenas a captura das determinações mais gerais e essenciais do ser (geral ou particular), e não, ainda, da sua concretude integral. Deste modo, a captura do próprio objeto implica o pressuposto de que ele não se resume aos elementos empíricos, mas também, e principalmente, àqueles que constituem a sua essência [...] **implica a subordinação do sujeito ao objeto, vale dizer que, no processo de conhecimento, o elemento central é o objeto** (Tonet, 2013b, p. 14, grifo nosso).

A postura ontológica tomada pelo materialismo histórico-dialético não tem a intenção de menosprezar as outras abordagens, mas somente o propósito de reafirmar a prevalência do caminho percorrido pelo objeto, de captar seu movimento. Sem perder de vista a totalidade, a ontologia marxiana não nega a subjetividade. Tonet (2013a) esclarece que Marx encontra, no ato que origina o ser social, a substância e a unidade entre subjetividade e objetividade, a partir da concepção de que a subjetividade objetivada na objetividade garante uma articulação indissolúvel entre consciência e realidade, identificando a atuação efetiva que a subjetividade tem nos processos de objetivação, inclusive, quando essa objetivação consiste em um reflexo científico da realidade.

Tonet (2013b, p. 118) é enfático ao criticar a urgência dos dados e suscita “[...] dissolver a sua imediatez, de modo a que emerja a essência que lhes confere seu verdadeiro sentido”. Acrescenta, contudo, que essa desmistificação só é viável à medida que o processo histórico-social que engendrou os fatos componentes da realidade for revelado. Acontecimentos, dados e fatos, segundo explica, são sempre resultantes da síntese de práticas e de relações sócio-históricas determinadas que necessitam ser retomadas a fim de apreender seu sentido fiel. A desistoricização de categorias como propriedade privada, Estado, ou capital, entre outras citadas pelo autor, nega claramente a natureza medular da realidade social, adultera sua compreensão e, por conseguinte, cumpre a função ideológica de conservar a inalterabilidade de dada ordem social.

A dialética não considera os produtos fixados, as configurações e os objetos, todo o conjunto do mundo material reificado, como algo originário e independente. Do mesmo modo como assim não considera o mundo das representações e do pensamento comum, não os aceita sob o seu aspecto imediato: submete-os a um exame em que as formas reificadas do mundo objetivo e ideal se diluem, perdem a sua fixidez, naturalidade e pretensa originalidade para se mostrarem como fenômenos derivados e mediatos, como sedimentos e produtos da *práxis* social da humanidade (Kosik, 1976, p. 16-17).

Por materialismo, Lênin (1983, p. 39-40) delimita considerar “[...] a matéria como o dado primeiro, e a consciência, o pensamento, a sensação, como dado secundário”². Estes últimos, embora secundários, não possuem menor valor ontológico, ao contrário, complementam o momento predominante do ato de conhecer a materialidade do ente em estudo. O encadeamento de compreensão da realidade ocorre por meio do pensamento, ou

seja, da razão, a partir da experiência dos indivíduos. A referência de verdade é a realidade, apreendida por meio da captação de mediações, transições, relações e contradições do fenômeno, a fim de chegar, por aproximação, ao conhecimento do concreto. Para Lênin (1983), o homem não é capaz de captar, refletir ou representar a natureza na íntegra, em sua totalidade imediata, mas pode, a partir dela, criar leis, abstrações, conceitos, compondo uma imagem científica do mundo.

Eis, portanto, o elemento primordial que difere a teoria do conhecimento fundada no materialismo histórico-dialético de outras concepções: a perspectiva de análise dialética da realidade.

É assim que à questão bem-posta da relatividade do conhecimento a teoria do conhecimento do materialismo dialético fornece a boa resposta. Nossos conhecimentos são apenas aproximações da plenitude da realidade, e, por isso mesmo, são sempre relativos; na medida, entretanto, em que representam a aproximação efetiva da realidade objetiva, que existe independentemente de nossa consciência, são sempre absolutos. O caráter ao mesmo tempo absoluto e relativo da consciência forma uma unidade dialética indivisível (Lukács, 1979, p. 233).

Ao precisar o método de análise, a realidade confrontada também se explicita, bem como seus problemas, limites e possibilidades. Esse movimento solicita, ademais, esclarecer a concepção de educação³ que melhor explica e contempla, por aproximação, a realidade pesquisada como ela é e como pode vir a ser, seja pela práxis humana e educativa, seja pelos instrumentos teórico-práticos que fornece.

A PESQUISA EDUCACIONAL E O MÉTODO MARXIANO

Reafirma-se uma concepção científica vinculada à realidade social que, além de ter como ponto de partida as relações sociais existentes, apresenta como finalidade contribuir com o conhecimento não apenas individualmente, mas com a superação humana dos limites impostos pela ordem burguesa que se desdobra na sociedade de classes.

Tal perspectiva demanda novas relações entre realidade e pensamento, eleva a ciência a outro patamar, suscitando novos significados à teoria, produção de conhecimento e história, mediadas pela práxis social. Assim, defende-se e justifica-se a necessidade de voltar ao histórico tomando por base a máxima de Marx: a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. Significa, em termos metodológicos, partir da fase mais desenvolvida para examinar sua origem, a fim de compreender mais efetivamente os processos atuais a partir da perspectiva histórica. Alinhamos nosso pensamento ao de Duarte (2000, p. 102) e à síntese que elaborou sobre tal premissa, mediante a recomendação de que toda pesquisa tivesse como ponto de partida a fase “[...] mais desenvolvida do objeto investigado para então analisar sua gênese, retornar ao ponto de partida, isto é, à fase mais evoluída, agora compreendida de forma ainda mais concreta, iluminada pela análise histórica”.

Constitui um ponto crucial na apreensão do método em Marx destacar duas categorias centrais em suas elaborações: estrutura e superestrutura.⁴ Ao prefaciá-la obra *Contribuição à crítica da economia política*, Marx (2008, p. 49) ensina-nos sobre tais categorias:

[...] as relações jurídicas, bem como as formas de Estado, não podem ser explicadas por si mesmas [...] essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência [...] A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência.

Ao compreender que as formas jurídicas, políticas, religiosas e artísticas, entre outras, não possuem uma existência descolada, independentemente da forma como os homens produzem sua existência, Marx (2008) preconiza que qualquer análise de um fenômeno superestrutural precisa levar em consideração sua relação com a totalidade social. Isso significa que os fenômenos sociais no âmbito da sociedade capitalista devem ser pensados a partir de sua conexão com o fato de que vivemos numa sociedade de classes com interesses antagônicos, na qual as relações de produção têm como objetivo o lucro, e não a valorização da vida humana.

Cabe-nos, ainda, questionar qual a importância das categorias de estrutura e superestrutura para a compreensão do método marxiano? Resumidamente, elencam-se: 1) entender que a esfera da superestrutura (justiça, educação, religião, família etc.) não pode ser compreendida corretamente de forma isolada, descolada da materialidade que a faz surgir e se desenvolver; 2) perceber que é por meio dos complexos da superestrutura que os indivíduos adquirem consciência de sua existência; 3) compreender que todas as formas de consciência, de práxis ideológicas, são erigidas a partir das relações sociais de produção vigentes em determinado modelo social; 4) assimilar que não existe uma relação hierárquica entre estrutura e superestrutura, mas uma relação dialética que envolve dependência ontológica, autonomia relativa e reciprocidade dialética.

Apesar de estarem imbricadas na realidade, analisá-las possibilita perscrutar desde as condições materiais de existência até a forma como os complexos fundados⁵ se organizam para sustentar as relações burguesas ocorridas na estrutura social. Os esforços para compreender o complexo educacional não podem perder de vista a premissa lukacsiana de que todos os complexos ideológicos situados na superestrutura vivem uma relação de dependência ontológica, autonomia relativa e determinação recíproca em relação ao trabalho. Dependência ontológica significa que todos os complexos da superestrutura surgem como necessidade advinda do processo de trabalho e só surgem porque têm o salto já constituído; autonomia relativa consiste na função específica e distinta da do trabalho que todos os complexos da superestrutura possuem; determinação recíproca se revela na forma como os complexos influenciam uns aos outros, não havendo separação na realidade nem práxis pura, separando-se apenas na abstração para uma melhor compreensão do real.

Há uma importância fundamental em destacar a prioridade ontológica exercida pelo trabalho, bem como as limitações do complexo educativo em relação a este. O discurso predominante atribui à educação o papel de transformar a sociedade, de ser tábua de salvação na superação da miséria. Cabe-nos, pois, enfrentar essa mistificação, apontando que, sozinha, a educação não pode dar conta de modificar as bases sociais. Tampouco pode-se atribuir a ela o papel de resolver a pobreza e todos os riscos sociais da atualidade que, sabemos, têm origem nas primeiras formas de exploração do homem pelo homem, assim como sua solução passa pela transformação da base social que a ergue e faz permanecer.

A exigência de explicitar teoria e método de investigação na pesquisa educacional guarda a necessidade de posicionamento, embora se admita que apenas isso não garante uma boa pesquisa. É preciso levar em conta, no entanto, o fato de que algumas correntes de pensamento não apenas se articulam, mas também cooperam com a lógica vigente. A opção pelo materialismo histórico-dialético se justifica pela possibilidade de percorrer a totalidade das problemáticas que tangenciam a educação, em toda a sua gama de contradições e ilações. A dimensão ontológica do método, conforme expõe Lessa (2012), possibilita demonstrar que não existe uma essência humana dada e imutável e que somente a reprodução social determina um horizonte de possibilidades,

[...] contrapor à concepção conservadora segundo a qual aos homens corresponde uma essência a-histórica de proprietários, e que, por isso, não há como ser superada a sociedade capitalista deve-se comprovar que não há limites ao desenvolvimento humano, *a não ser aqueles construídos pelos próprios homens*. E esta demonstração apenas pode se dar de forma cabal no terreno da Ontologia (Lessa, 2012, p. 13).

A apropriação do referencial marxiano permite ir à raiz dos fundamentos, perquirindo relações e conexões estabelecidas a partir da sociedade de classes. Propõe um caminho metodológico que se orienta a partir de fatos postos pelo movimento da realidade, cujas variantes precisam ser averiguadas para além de sua imediaticidade, identificando e isolando elementos meramente conjunturais. Os passos seguintes correspondem às tentativas de apreender a concretude do objeto, submetendo-o à rigorosa incursão crítico-analítica, a fim de superar seu caráter abstrato e suplantar as leis fundamentais que lhe dão a forma de fenômeno.

Lukács (1978) sistematiza que a essência das categorias do método marxiano equivale ao reflexo da realidade, a ser comprovado pela práxis humana, a fim de tornarem-se categorias lógicas. Nessa direção, Paulo Netto (2011) complementa que o materialismo histórico-dialético concebe a teoria como uma modalidade de conhecimento que procura apreender a estrutura dinâmica do objeto, em sua existência real efetiva, descolada das representações do pesquisador.

Essa perspectiva inaugura uma abordagem metodológica inovadora, delimitada por Paulo Netto (2011) como uma conduta que marca a posição do pesquisador em relação ao objeto, a partir de uma correspondência imanente entre a elaboração teórica e a

sistematização metodológica. A partir das palavras do próprio Marx (2008) compreende-se que o método marxiano não se constitui autônomo perante a teoria:

Minhas investigações me conduziram ao seguinte resultado: as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades [...] O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de guia para meus estudos, pode ser formulado, resumidamente, assim: na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura política jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência [...] (Marx, 2008, p. 45).

A alegação marxiana atenta para a necessidade de distinguir método de pesquisa de método de exposição, pondo à vista todas as suas nuances:

É, sem dúvida, necessário distinguir o método de exposição formalmente, do método de pesquisa. **A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima.** Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, e espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez possa parecer que se esteja tratando de uma construção *a priori* (Marx, 1983, p. 20, grifo nosso).

Não há, pois, possibilidade de apreensão do objeto sem captá-lo a partir do real, sintetizado por Lukács (1979) como um complexo de complexos. Diante da constatação, percebe-se a necessidade de guardar uma maior preocupação com o real do que com o método em si. O conhecimento do real exige que se opere com o conceito de verdade, não como representação, mas como processo factual, a fim de explorar o objeto em sua totalidade. Assim, é na realidade elaborada a partir do pensar e do conhecer, e não produto de uma concepção engendrada em si mesma, que “[...] concebe separadamente acima da intuição e da representação, mas é elaboração da intuição e da representação em conceitos” (Marx, 2008, p. 259).

Ademais, Saviani (2004), ao apontar e discutir a necessidade de que o educador brasileiro passe do senso comum à consciência filosófica, a fim de melhor assimilar sua prática educativa, focaliza o método materialista histórico-dialético como instrumento fundamental dessa prática. Para tanto, explicita a exigência de que a etapa do senso comum educacional, ou seja, a mera percepção empírica da educação, seja superada. Aponta o caminho da reflexão teórica, mediado por abstrações, para chegar à fase mais desenvolvida, a etapa da consciência filosófica, na qual a realidade concreta da educação, estará maturada, plenamente compreendida. Em suas palavras:

Com efeito, a lógica dialética não é outra coisa senão o processo de construção do concreto de pensamento (ela é uma lógica concreta) ao passo que a lógica formal é o processo de construção da forma de pensamento (ela é, assim, uma lógica abstrata). Por aí, pode-se compreender o que significa dizer que a lógica dialética supera por inclusão/incorporação a lógica formal (incorporação, isto quer dizer que a lógica formal já não é tal e sim parte integrante da lógica dialética). Com efeito, o acesso ao concreto não se dá sem a mediação do abstrato (mediação da análise como escrevi em outro lugar ou “detour” de que fala Kosik). Assim, aquilo que é chamado lógica formal ganha um significado novo e deixa de ser a lógica para se converter num momento da lógica dialética. A construção do pensamento se daria pois da seguinte forma: parte-se do empírico, passa-se pelo abstrato e chega-se ao concreto (Saviani, 2004, p. 11).

Logo, a grande contribuição do materialismo histórico-dialético para os educadores consiste no suporte lógico-metodológico diante da tarefa de apreender o fenômeno educativo, fornecendo elementos que respondem à necessidade lógica de descobrir e explicar desde os fenômenos – categoria mais simples, empírica – até a síntese das múltiplas determinações, ou seja, o concreto pensado. Trocando em miúdos, significa dizer que um fenômeno educacional, em sua mais simples acepção, pode ser uma chave de estudo que, enriquecida de mediações e abstrações, pode levar à compreensão plena do problema investigado. Quanto mais abstrações teóricas recaírem sobre o fenômeno, mais se avança na apreensão do problema educacional em questão.

Conforme já exposto, e ratificado por Moraes (2007), o método marxiano não se apresenta como uma escolha previamente estabelecida, um caminho determinado antes mesmo de o desenrolar do objeto se manifestar. O ponto de partida para a apreensão de um objeto de estudo só pode proceder da própria matéria a ser conhecida. Abre-se, aqui, um parêntese para reiterar a importância de elementos metodológicos que viabilizem a efetivação do método em tela.

A análise imanente, por exemplo, apresenta-se como um importante procedimento metodológico, constituída pela necessidade de retorno às obras clássicas e aos textos de incontestável relevância dentro do referencial marxista. Trata-se de um instrumento de investigação teórica potente, que expõe não apenas a visão do autor acerca de determinado tema, mas revela também as camadas da realidade em que o autor foi capaz de penetrar. Costa (2009, p. 32) acrescenta que a investigação imanente, por mais aprofundada que seja, “[...] não esgota a interpretação do texto, fazendo-se necessário atentar para o seu papel social na referência ao momento histórico de sua gênese”.

Moraes (2007), ao se debruçar sobre as determinações essenciais da individualidade em *O Capital*, reforça o imperativo de ir aos clássicos por intermédio da análise imanente, tomando seu objeto a partir da complexa obra e de seu universo categorial como principal referência de estudo. Esse componente possibilitou apreender “[...] não só a lei econômica do movimento da sociedade moderna, mas as determinações históricas de uma dada forma de atividade dos indivíduos para produção e reprodução de sua vida [...]”,

revelando um modo de existência humana genérico-individual produzido a partir da forma social capital (Moraes, 2007, p. 8).

Tão importante quanto fixar a análise imanente como recurso metodológico é também afastá-la daquilo que ela não é. Rolim (2018) delimita não haver intenção de promover interpretações inéditas e que a imposição da novidade na pesquisa acadêmica guarda orientações mercadológicas que podem não apenas comprometer resultados, como também significar um impedimento para que os pesquisadores edifiquem uma base teórica sólida. O estudo cumulativo, mais lento e não linear, muitas vezes, é preterido em face da exigência do novo. Pondera, também, que a leitura imanente não se limita a capturar um problema de pesquisa dentro do conjunto da obra. Indica uma finalidade mais modesta, a de extrair a ideia central das obras, estabelecer as conexões entre os argumentos e desvendar as razões pelas quais o autor deu determinada forma ao texto.

Lessa (2007) procura recuperar o significado da ortodoxia e da leitura imanente na perspectiva do rigor metodológico. Justifica a empreitada pelo avanço neoliberal nas últimas décadas e sua contrapartida filosófica: o pós-modernismo. Nesse cenário, reivindicar a ortodoxia passou a ser reprimido, quase que censurado, terreno fértil para o fortalecimento do ecletismo, postura permeada de equívocos que ganhou espaço não apenas na esquerda. No caso específico do marxismo, acabou por obter uma aparente razão por, frequentemente, “[...] substituir a realidade pelo texto, como se fosse o texto, e não o desenvolvimento histórico objetivo, o terreno da luta de classes” (Lessa, 2007, p. 10).

A realidade, prossegue Lessa (2007), contraditória e histórica, não perde seu traço unitário decorrente do momento a cada instante predominante, um princípio que se proponha como reflexo apropriado do real deve ser portador de uma coerência interna que espelhe os fundamentos ontológicos, por fim unitários, das contradições e desigualdades do próprio real.

[...] Em outras palavras, como o mundo não é um mosaico de momentos desconexos, como querem alguns pós-modernos, mas um processo histórico, as teorias, ou são capazes de incorporar esta determinação por último unitária do real apresentando elevado nível de coerência interna ou, então, não passarão de reflexos pobres e unilaterais da realidade (Lessa, 2007, p. 11).

Assim, essencialmente, o nexos interno do pensamento de qualquer autor é um dos componentes mais importantes no julgamento de sua capacidade de servir como reflexo apropriado do real. Também por essa razão, continua Lessa (2007), quando um constructo categorial expõe contradições internas, é um indicativo importante de sua fragilidade na interpretação do mundo em que vivemos. À vista disso, buscar uma concepção capaz de desvelar os fundamentos ontológicos da desigualdade do prosseguimento histórico “[...] assim, tão coerente quanto unitário é o mundo, é uma exigência metodológica da maior importância” (Lessa, 2007, p. 11). Quando a justaposição de pressupostos é alcançada,

sistematicamente, sucede em um constructo categorial que deve apanhar o parcial, pois, naquele momento, não é capaz de apreender a totalidade do fenômeno examinado.

A ortodoxia, uma acepção que também merece ser recuperada, é sintetizada por Lessa (2007, p. 12) como a adoção de determinados autores, categorias e conquistas científicas, de tal maneira que “[...] não seja necessário redescobrir a roda todos os dias”, ou seja, certos conceitos e concepções já estão firmados, consolidados, de modo que se pode partir deles para novas elaborações. Se assim não fosse, o desenvolvimento da ciência ficaria inviável. Cada degrau no progresso científico se sustenta em descobertas passadas e não há como ser de outra maneira.

[...] Este fato, todavia, não cancela o outro, igualmente verdadeiro, de que cada avanço na ciência também coloca questões e promove revisões do que antes era considerado certo e estabelecido. Esta é uma situação muito dinâmica, na qual apoiar-se no passado para avançar o conhecimento é condição de possibilidade para a descoberta dos pontos falhos nas teorias predominantes. O que era tido como certo em um dado momento frequentemente é colocado em causa por uma descoberta ou por um desenvolvimento histórico inesperado. Isto, todavia, em nada diminui a validade do que afirmamos: metodologicamente, é fundamental para o desenvolvimento da ciência que as concepções, teorias etc. já comprovadas sejam admitidas como verdadeiras sem que exija a sua comprovação cotidiana. E, neste sentido, a ortodoxia é também uma exigência metodológica da maior importância, pois possibilita a utilização do argumento de autoridade sem o qual o próprio avanço da ciência seria obstaculizado (Lessa, 2007, p. 12).

Isso posto, é importante demarcar o quanto ortodoxia e dogmatismo são rigorosamente opostos. O emprego correto do argumento de autoridade auxilia no avanço do conhecimento, bem como na crítica daquilo que já se conhece. No limite, é requisito para o questionamento do próprio argumento de autoridade. O dogmatismo, pelo contrário, vale-se dos textos e autoridades já constituídas para dificultar o avanço da ciência, dominar mentalidades, legitimar o *status quo*. A ortodoxia, “[...] sempre antinômica ao dogmatismo, é uma arma da crítica revolucionária do mundo – o dogmatismo, antinômico à ortodoxia, é uma amarra conservadora para conter o avanço da humanidade” (Lessa, 2007, p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a exposição do método consumada, espera-se ter demonstrado sua movimentação dialética, originada a partir de uma concepção ontológica da realidade social. Sendo as condições de existência humana, objetivas e subjetivas, produzidas pelo ser social, entende-se que método, teoria e concreto integram uma unidade metodológica. Ratifica-se, ademais, que o método elaborado por Marx instituiu uma visão científica nova, autêntica, firmada a partir de um compromisso político diante da pesquisa, apontando suas

contradições, ideologias e mediações com a totalidade social para além da aparência fenomênica do objeto.

No estudo ora apresentado, a perspectiva científica está imbricada à possibilidade de transformação social, a um projeto revolucionário, o que significa dizer que a postura teórico-metodológica aqui empunhada faculta evidenciar, de forma dialética, as mediações que estruturam as totalidades concretas, suas contradições e componentes onto-históricos.

O método concebido por Marx rejeita qualquer tipo de construção metodológica que tente equiparar o imediato ao universal, conhecido mecanismo hegemônico de manutenção das relações capitalistas. Do ponto de vista metodológico, o objetivo marxiano primordial consiste em suscitar uma percepção concreta das determinações sociais próprias à sociabilidade burguesa e à consequente superação de qualquer forma de exploração do capital.

A pesquisa educacional que toma como base o método marxiano de análise da realidade concreta parte de seus condicionantes sociais para entender a especificidade dos fenômenos educativos. Busca investigar quais elementos sociais determinam os problemas na educação e como se apresentam. Ao contrário dos estruturalistas que entendem que a sociedade de classe determina *in totum* a educação, não nos permitindo nenhuma transformação, o marxismo considera que a realidade é uma construção humana coletiva de sujeitos que fazem escolhas, entre alternativas postas, e por isso podem transformar coletivamente a realidade, dentro dos limites e das possibilidades que a determinam.

REFERÊNCIAS

COSTA, G. M. da. Contribuição da análise imanente à pesquisa de textos. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, v. 1, n. 1, p. 24-33, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23027/1/2009_art_gmcosta.pdf. Acesso em: 02 fev. 2021.

DUARTE, N. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 71 [especial], p. 29-52, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GkhgksVWNhmjD6DnxtxdwsM/>. Acesso em: 03 abr. 2021.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LÊNIN, V. I. Materialismo y empiriocriticismo: notas críticas sobre una filosofía reaccionaria. In: LÊNIN, V. I. **Obras completas**. Moscú: Progreso, 1983. Tomo18.

LESSA, S. **Para compreender a Ontologia de Lukács**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

LESSA, S. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007.

LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista**. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, K. A nacionalização da terra. In: **Obras Escolhidas**. Lisboa: Edições Avante!, 1983. Tomo II.

MARX, K. Prefácio à 2ª edição. In: MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MORAES, B. M. de. **As bases ontológicas da individualidade humana e o processo de individuação na sociabilidade capitalista**: um estudo a partir do Livro Primeiro de O Capital de Karl Marx. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007, 161 p.

PAULO NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PIRES, M. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. 1, p. 83-93, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wR4dmSD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 abr. 2021.

RIBEIRO, Ellen Cristine dos Santos Ribeiro. **Questão agrária, práticas educativas e internacionalismo**: uma análise a partir do Instituto Agroecológico Latino Americano (IALA) Amazônico. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade estadual do Ceará, Fortaleza, 2023, 206p.

ROLIM, R. R. Tendências históricas universais do ser social na Ontologia de Lukács: apontamentos de uma leitura imanente. **Revista Direito & Práxis**, v. 9, n. 3, p. 1462-1502, 2018.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 2004.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2012.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Maceió: Edufal, 2013a.

TONET, I. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013b.

AUTORIA:

* Doutorado em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Professora efetiva da Secretaria Municipal de Fortaleza. Contato: ellencristine.santos@educacao.fortaleza.ce.gov.br

** Doutorado em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Professora titular da Universidade Federal do Maranhão. Contato: karineufma2013@gmail.com

*** Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora titular da Universidade Estadual do Ceará. Contato: betaneamoraes@gmail.com

COMO CITAR ABNT:

RIBEIRO, E. C. dos S.; SOBRAL, K.; M.; MORAES, B. M. de. O método em Marx e a pesquisa em educação: determinações onto-históricas da realidade. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, p. 1-15, 2023. DOI: 10.20396/rho.v23i00.8669151. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8669151>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Notas

¹ A discussão do método está presente em Ribeiro (2023).

² Tradução nossa. Texto original: “[...] toma la materia por lo primeramente dado, y la conciencia, el pensamiento, la sensación por la secundário”.

³ A educação, tanto em sentido *lato* quanto em sentido *stricto*, é uma atividade própria dos seres humanos e, ao mesmo tempo, uma exigência para a continuidade da existência dos homens. Logo, o objeto da educação relaciona-se ao desenvolvimento dos elementos materiais e culturais que a espécie humana precisou e precisa assimilar como parte de seu processo de humanização (Saviani, 2012).

⁴ Não há, aqui, a intenção de precisar ou delimitar essas categorias, dados os limites desta pesquisa. Apontamo-las no intuito de ressaltar o caminho de análise marxiana a partir de uma necessária abstração das relações entre estrutura e superestrutura a fim de melhor compreendê-las dentro de uma perspectiva concreta.

⁵ A educação é um complexo da reprodução social e, portanto, fundada a partir de necessidades demandadas pelo processo de trabalho.